



UNIUBE – UNIVERSIDADE DE UBERABA
CURSO DE PSICOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Texto do artigo

O PAPEL E AS FUNÇÕES DO EDUCADOR POPULAR E SUA PROFESSORALIDADE

Guilherme Sousa Machado

Orientador: Tiago Zanquêta de Souza

RESUMO

O objetivo do trabalho é o de promover o delineamento mais refinado do perfil e das funções do Educador Popular e discutir a identidade e o ser professor na perspectiva da Educação Popular (ou seja, olhando para o Educador Popular), especialmente vinculado à educação escolar. Para isso, a prática metodológica da pesquisa está atrelada ao estudo do Estado do Conhecimento, cuja revisão bibliográfica se seu por meio da seleção de teses e dissertações veiculadas à Base de Dados de Teses e Dissertações, dos últimos 3 anos. Os descritores utilizados foram: “Educador Popular”, “Professor e “Formação”. Ao todo, foram selecionados 36 trabalhos. Para que possamos compreender melhor tais pesquisas, fizemos uma análise detida sobre os seguintes aspectos: a) quais eram os objetivos das pesquisas e a que categorias os verbos empregados como objetivos se vinculam, na perspectiva de Bloom (1956); b) quais foram os métodos, técnicas de pesquisa e instrumentos de coletas de dados que foram utilizados; c) por último, tomando os resultados encontrados, nos esforçamos para responder ao que propomos no plano de trabalho que dá origem a este relatório. Em síntese é possível perceber que a concepção de educador/professor pode ser interpretada de forma histórica, isso é, tempos atrás havia o professor paroquial no qual o seu dever tinha um caráter sagrado e que esse deu espaço a uma outra concepção de educador/professor que é aquele crítico frente a sua realidade social, assentado na *práxis* e compreende a importância dessa no seu *quefazer* diário.

Palavras-chave: Estado do conhecimento. Educação Popular. Processos educativos.

INTRODUÇÃO

A Educação Popular já conta com uma história muito rica, na qual estão envolvidos numerosos educadores, inúmeros movimentos sociais e populares, sem falar no próprio Estado. Ela está ligada a todo um movimento que busca, por um lado, a extensão da educação formal para todos e, por outro, a formação social, política e profissional, sobretudo, de jovens e de adultos excluídos da escola regular na idade própria. Em suma, ela justifica seu nome pelo comprometimento com a luta pela universalização do banquete civilizatório.

Desse modo, conseguimos afirmar que o educador popular é, então, aquele que tem por fim a realização dessa Educação, onde quer que desenvolva seu trabalho e sob quaisquer condições.

Então, a partir desse levantamento e análise histórica, quanto ao papel do Educador Popular, entendemos ainda a necessidade de melhor conhecê-lo, defini-lo e identificá-lo, a fim de desenhar o perfil e caracterizar as funções do Educador Popular, considerando as condições de seu trabalho, uma vez que esse perfil está diretamente ligado a intervenções socioeducativas realizadas por elas/es e que vai configurar aspectos de docência. Nisso consiste pensar o professor na perspectiva da Educação Popular, o que implica, necessariamente, a compreensão do que se concebe como Educador Popular, uma vez que profissionalmente é também entendido, quando em atividade escolar, como um/uma professor/ra.

A questão de estudo que subsidiou a pesquisa foi: qual é o perfil do Educador Popular, considerando as condições de seu trabalho, uma vez que esse perfil está diretamente ligado a intervenções socioeducativas realizadas por elas/es e que vai configurar aspectos de docência? Assim, os objetivos pretendidos foram: promover o delineamento mais refinado do perfil e das funções do Educador Popular e discutir a identidade e o ser professor na perspectiva da Educação Popular (ou seja, olhando para o Educador Popular), especialmente vinculado à educação escolar.

CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Para que os objetivos da pesquisa fossem atingidos, foram executados os primeiros passos do estudo do Estado do Conhecimento em torno do objeto de pesquisa: foram levantadas as teses e dissertações vinculadas à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) publicadas entre 2015-2018, em torno dos descritores: Educador Popular, Formação e Professor, de modo a

perceber qual o perfil e quais as funções do Educador Popular – especialmente daqueles/as em atividades nas escolas – podem ser delineados. O que se sabe, é que esses Educadores Populares, que já exercem uma prática tão relevante e rica em experiências, carecem de uma definição de suas atribuições no cenário educativo atual, para um reconhecimento da profissão e pela valorização de seu trabalho, tanto pelas instituições, especialmente as de ensino, como pela sociedade.

No entendimento de Morosini (2015), Estado de Conhecimento é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica.

Uma característica a destacar dessa metodologia é a sua contribuição para a presença do novo. O novo pode advir de questões, tópicos ou áreas; da aplicação de ideias, métodos, approaches ou análises; ou do desenvolvimento ou aplicação de teorias, descrições teóricas ou as teóricos; ou invenção, desenvolvimento ou aplicação de métodos, ou approaches, técnicas computacionais ou tecnologias; ou da criação, descoberta ou utilização de dados, conjunto de dados, arquivos, informações, fontes ou recursos; ou da aplicação de ideias antigas, métodos, approaches ou análises a dados, materiais ou fontes; ou do desenvolvimento ou aplicação de análises, approaches analíticos, esquemas técnicos, modelos ou procedimentos estatísticos; da introdução de ideias, conexões, inferências, insights, interpretações, observações, perspectivas; ou da produção de conclusões, respostas, descobertas ou provas; ou da combinação ou síntese de coisas (experimentos, fatos, conhecimentos, modelo de pesquisa, problemas, fontes, tecnologias, construtos teóricos) de outros campos ou disciplinas (MOROSINI, 2015).

A prática metodológica proposta nesse plano de trabalho que está atrelada ao Estado do Conhecimento é a seguinte:

- ✓ Seleção de teses e dissertações veiculadas à Base de Dados de Teses e Dissertações (BDTD), dos últimos 3 anos (entre 2015-2017), a considerar ainda o ano de 2018, tomando por referência os seguintes descritores: Educador Popular, Formação e Professor, que podem ser encontrados no título do trabalho, no texto do resumo, nas palavras-chaves ou no corpo dos trabalhos publicados;

- ✓ Leitura e discussão sobre a produção científica encontrada;
- ✓ Constituição do *corpus* de análise a partir dos trabalhos selecionados segundo os critérios propostos na ficha de análise.

A partir da constituição do *corpus* da análise, as fases seguintes envolvem (a serem desenvolvidas no próximo plano de trabalho):

- ✓ Leitura flutuante do *corpus* de análise, conforme propõe Bardin (1979);
- ✓ Realização das análises, a partir da análise de conteúdo (BARDIN, 1979);
- ✓ Produção textual, seguindo as normas de um artigo.

O Estado de Conhecimento possibilita uma visão ampla e atual dos movimentos da pesquisa ligados ao objeto da investigação que pretendemos desenvolver. É, portanto, um estudo basilar para futuros passos dentro da pesquisa pretendida. Permite-nos entrar em contato com os movimentos atuais acerca do objeto de investigação, oferecendo-nos uma noção abrangente do nível de interesse acadêmico e direcionando, com mais exatidão, para itens a serem explorados – reforço de resultados encontrados ou criação de novos ângulos para o tema de estudo – abrindo assim, inúmeras oportunidades de enriquecimento do estudo. Nesse sentido, a construção do Estado de Conhecimento, fornece um mapeamento das ideias já existentes, dando-nos segurança sobre fontes de estudo, apontando subtemas passíveis de maior exploração ou, até mesmo, fazendo-nos compreender silêncios significativos a respeito do tema de estudo. O Estado de Conhecimento localiza e orienta os passos da investigação, a partir do conhecimento e da compreensão da produção intelectual que aborda estudos relacionados ao objeto de nossa pesquisa.

O EDUCADOR POPULAR E O SER PROFESSOR SEGUNDO PAULO FREIRE

O Ser professor na visão de Freire (1997) é, antes de mais nada, ser um educador coordenador da *prática educativa*, que visa a transformação da educação tradicional, tão comum na atualidade, caracterizada pela irreflexão e a falta de criticidade no aspecto político. É refletida na consciência da inconclusão eterna do ser; a abertura da possibilidade de aprendizagem em união em que um aprendendo, ensina e o outro ensinando, aprende. Faz-se necessária nessa

prática, que não falte o rigor que busca a disciplina intelectual, desde que não esteja ligado à falta de afeto ou caracterizado por uma experiência fria e sem alma.

É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje (FREIRE, 1997, p.31).

Na concepção de Freire (1997) existem vários tipos de educadores, dentre eles, o democrático:

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. (FREIRE, 1997, p.13).

Existe o progressista, que defende que esse educador precisa estar convencido de ser o seu trabalho uma especificidade humana. Aquele que se atenta ao que diz respeito ao ser humano em sua possibilidade de aperfeiçoamento físico e moral, de sua inteligência sendo produzida e desafiada, aos obstáculos de seu crescimento. Nada que diz respeito ao ser humano deve passar despercebido por esse educador.

Uma das tarefas fundamentais do educador progressista é, sensível à leitura e à releitura do grupo, provocá-lo bem como estimular a generalização da nova forma de compreensão do contexto. (FREIRE, 1997, p.32).

[...] apoiar o educando para que ele mesmo vença suas dificuldades na compreensão ou na inteligência do objeto e para que sua curiosidade, compensada e gratificada pelo êxito da compreensão alcançada, seja mantida e, assim, estimulada a continuar a busca permanente que o processo de conhecer implica. (FREIRE, 1997, p.45)

Existe também o conservador, também chamado de bancário, que é aquele/a que tem as práticas bancárias como parte do seu modo de portar-se. A educação bancária, para Freire (1987) está diretamente ligada ao modelo da escola tradicional que é vista na atualidade. Está intimamente ligada ao enxergar do educador em relação ao educando como um depósito de saberes, não desenvolvendo a criticidade e sim, a repetição de conteúdos. Nessa concepção a educação bancária não traz transformações na vida do educando, não incentiva a criatividade, criticidade e com isso não há a práxis pois só se repete o que se aprende e não se reflete. A lógica da educação bancária é opressora na medida em que não respeita as potencialidades de cada indivíduo e com isso a possibilidade de desenvolvimento dessas potencialidades é muito

improvável no âmbito educacional. E, por último, existe o pragmático, que dialoga com o bancário na concepção de transferência de conhecimento.

O professor conservador e pragmático é entendido, segundo Freire (1987) na perspectiva da escola tradicional, que é aquela que repete as lógicas bancárias onde os alunos são separados em filas como nos modelos tradicionais de salas de aula do século XVIII é um mediador do conhecimento e não um depositante de conteúdos diversos em "recipientes incipientes". Comumente a ideia de "depositante" do saber, como era feito por exemplo na época dos sofistas que levavam conhecimentos para o povo não vai de encontro ao que Freire propõe.

Para ocorrer a aprendizagem é necessário a construção de sujeitos críticos socialmente e não passivos em relação a construção de conhecimento. A educação transforma as pessoas e essas, por conseguinte mudam o mundo.

Para Paulo Freire (1987) a educação bancária faz a transferência de conhecimento, mas sim, oferecer condições para a criação de possibilidades para que ocorra a construção desse conhecimento, garantindo a autonomia no processo de ensino e aprendizagem.

Pensar certo – e saber que ensinar não é transferir conhecimento é fundamentalmente pensar certo – é uma postura exigente, difícil, às vezes penosa, que temos de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmos. É difícil, não porque pensar certo seja forma própria de pensar de santos e de anjos e a que nós arrogantemente aspirássemos. (FREIRE, 1987, p.54).

Dessa forma, o educando é caracterizado como um sujeito histórico, que em conjunto com um educador progressista que incentiva a criticidade do mesmo, está atento ao que precisa. Além disso, precisa estar convencido de ser o seu trabalho, uma especificidade humana, que cria a possibilidade de construção de conhecimento. Segundo Freire (1996), todos nós somos educandos e educadores na medida em que educamos e somos educados, no saber-fazer da *práxis* todos aprendemos em união, com o intuito da emancipação de ambos.

Ensinar, desse modo, tomando “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa” exige:

1º Pesquisa: A pesquisa está diretamente relacionada ao ensino. A pesquisa serve para conhecer o novo e junto com esse anunciá-lo.

2ª Criticidade: Para a criticidade ingênua se tornar epistemológica é necessário que essa se auto critique. Assim essa crítica praticada pelo senso-comum (Criticidade ingênua pode vir a se tornar epistemológica mudando sua qualidade, mas não sua essência.

3ª Reflexão crítica sobre a prática: Práxis. É necessário a reflexão crítica de uma prática para que essa se torne epistemológica. É com essa postura que existe mudanças no atuar dos profissionais, pois é impossível a prática de se aproximar da “perfeição” quando essa não se refletida de forma crítica. É necessário que o distanciamento da teoria e a prática sejam estreitas. Tomar consciência das falhas práticas e teóricas faz com que a ingenuidade se torna rigorosidade na medida em que “Aprendo errando” torne-se “Aprendo refletindo criticamente sobre meu erro”. Estar “aberto” para mudanças faz-se indispensável nesse processo contínuo se não possivelmente infindável.

4ª Alegria e esperança: Não nascemos sem esperanças, nos tornamos desesperançosos. É necessário a problematização e o distanciamento entre o determinismo histórico pois esse comumente não se torna possível a esperança ou desesperança em um futuro pois nessa concepção determinista esse já está dado. O discurso da “síndrome de Gabriela” é visível na sociedade atual, pois essa comumente se conforma onde deveria haver incomodo.

5ª Curiosidade: Tolher a curiosidade do educando por parte da ação do educador é esse por consequência se auto tolher. Essa curiosidade silenciadora e tóxica corrompe o pensar. O estabelecimento de limites onde o educador compreende, por exemplo que não tem direito de invadir o espaço do outro expando o educando é necessário / construção do educador progressista. Sem a curiosidade que inquieta, que move, que insere o indivíduo na busca pelo saber não há aprendizagem ou ensino. No entanto uma curiosidade domesticada faz parte de uma concepção bancária onde apenas se grava e não se apreende o real significado daquilo que está memorizado e sendo reproduzido. Quanto mais a curiosidade espontânea se intensifica, mas, sobretudo, se “rigoriza”, tanto mais epistemológica vai se tornando.

6ª Liberdade e Autoridade: Enquanto liberdade é necessário que haja limites para que essa não se corrompa em licença ou a autoridade em autoritarismo. Quanto mais criticamente a liberdade assume limites necessários mais autoridade ela tem, eticamente falando. A autonomia é um processo de construção, enquanto amadurecimento do ser para si, é vir a ser. Assegurar o

respeito entre autoridade e liberdade foi algo que Freire buscou, tendo a consciência de que a ruptura entre elas gera a hipertrofia de uma ou de outra.

7ª Disponibilidade para o diálogo: É estar atento ao fato de que constatado na experiência não somos superiores na relação de um com os outros e sim que somos eternamente inacabados. É vivendo a relação com o outro, mesmo que esse não possua saber técnico/científico pode contribuir para algo que ainda ignoro, é viver a abertura da possibilidade de aprender com o outro. Aos meios de comunicação como a televisão é importante os educadores dar atenção pois constantemente esses manipulam e utilizam dos seus telespectadores como depositários de suas ideias.

O ser professor na perspectiva da Educação Popular: o estudo do estado do conhecimento

Os critérios adotados para a elaboração dos quadros 1 e 2, que constituem o *corpus* da pesquisa, foram:

1) **Descritor utilizado e forma de busca:** o descritor “Educador Popular” foi pesquisado em separado e associado ao descritor “Professor”. O trabalho encontrado quando a busca foi feita associando os dois descritores, também é encontrado quando se busca o descritor “Educador Popular” em separado. O mesmo ocorre quando se faz a busca associada entre os descritores: “Educador Popular”, “Professor” e “Formação”. O trabalho encontrado coincide com um dos encontrados e selecionados quando o descritor “Educador Popular” foi utilizado. Disso resultou o quadro 1.

Quadro 1 – Levantamento de dissertações e teses na plataforma BDTD.

Descritor utilizado	Trabalhos selecionados	Dissertações/Teses/Origem
Educador Popular	6	Dissertações: 5 / Teses: 1 Dissertações: UFVJM; UFRN; PUC Goiás; UFPB; UFPA. Teses: UFRN: 1
Educação Popular	29	Dissertações: 19 / Teses:10 Dissertações: UFMT:1; UFPE: 1; UFPB: 4; UFJF: 1; UFpel:1; UFPB: 4; UFJF: 1; UFpel:1; Unisinos: 1; UFRGS: 2; UNICAMP:1; UFCG: 1; UCS: 1; UNB:2; UFSCar:1; PUC Goiás:2 Teses: UFPB:5; Unisinos: 1; UNESP:1; USP: 1; Unijuí: 1; UFBA: 1
Educador Popular +Professor	1	1 Dissertação PUC Goiás
Educador Popular + Professor + formação	1	1 Dissertação PUC Goiás

Fonte: Elaboração do autor (2018).

2) **Crítérios de seleção das teses e dissertações:** os trabalhos foram selecionados considerando os títulos das dissertações e teses, em primeiro momento. No segundo momento, partiu-se para a leitura dos resumos que constavam da presença do descritor de busca e, em terceiro momento, partiu-se para a identificação do descritor nas palavras-chaves. Quando se fez a busca associada entre os descritores “Educador Popular”, “Professor e Formação”, considerou-se a busca a partir da presença do descritor no título, no resumo e nas palavras-chaves. Tomou-se o cuidado de apresentar as áreas a que pertencem cada um dos trabalhos encontrados, conforme se observa no quadro 2.

Descritor utilizado	Local onde aparece o descritor buscado	Resultados encontrados	Trabalhos selecionados
Educador Popular	No Título	22	6
Educação Popular	No título	64	29
Educador Popular + Professor	Educador Popular (Título) Professor (Resumo)	1	1
Educador Popular + Professor + formação	Educador Popular (título), Professor + Formação (Todos os campos)	1	1

Quadro 2 – Levantamento de dissertações e teses na plataforma BDTD – dissertações e teses por Programas de vínculo.

Fonte: Elaboração do autor (2018).

Foi feito o levantamento de teses e dissertações publicadas entre 2015-2018, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, em torno dos descritores: “Educador Popular”, “Professor e “Formação”. O estudo do Estado do Conhecimento está sendo realizado a partir da constituição do *corpus* da pesquisa, em torno do perfil e das funções do Educador Popular que poderão ser abstraídos dos trabalhos acadêmicos. Para além disso, o referencial teórico da pesquisa que permeia o referido estudo do estado do conhecimento está em fase de finalização. Esse referencial comporá o relatório final do primeiro ano da pesquisa.

Os trabalhos encontrados na BDTD estando sendo suficientes para que a constituição do *corpus* de análise de pesquisa seja consubstancial, o que tem permitido entender e compreender o perfil e as funções do Educador Popular, especialmente daquele que atua nos espaços escolares. Ao que tem nos parecido, o perfil do Educador Popular está atrelado a um ensino que leva a uma análise crítica da realidade para transformá-la, rompendo com a relação opressor/oprimido, ou ainda, com as relações autoritárias e arbitrárias tão presentes na educação que se concebe como bancária. A respeito da relação professor-aluno, estamos entendendo que o perfil desses profissionais aponta a presença da dialogicidade, cujo professor é entendido como facilitador da aprendizagem e que ambos, professor e aluno sejam protagonistas da produção do conhecimento.

Com o objetivo de revelar as funções, o perfil e a identidade do ser professor, na perspectiva da Educação Popular, a partir das pesquisas que forma investigadas. Para que possamos compreender melhor tais pesquisas, fizemos uma análise detida sobre os seguintes aspectos: a) quais eram os objetivos das pesquisas e a que categorias os verbos empregados como objetivos se vinculam, na perspectiva de Bloom (1956); b) quais foram os métodos, técnicas de pesquisa e instrumentos de coletas de dados que foram utilizados. Assim, na sequência, tomando os resultados encontrados, nos esforçamos para responder ao que propomos como objetivo deste trabalho.

Quanto aos objetivos das pesquisas.

Utilizamos a taxonomia de Bloom (1956) para analisar os objetivos das dissertações e teses levantadas, conforme figura 1.

Figura 1 – Categorias verbais segundo Bloom.

	COMPREENSÃO	APLICAÇÃO	ANÁLISE	SÍNTESE	AVALIAÇÃO
CONHECIMENTO	Descrever	Aplicar	Analisar	Armar	Ajuizar
Apontar	Discutir	Demonstrar	Calcular	Articular	Apreciar
Arrolar	Esclarecer	Dramatizar	Classificar	Compor	Avaliar
Definir	Examinar	Empregar	Comparar	Constituir	Eliminar
Enunciar	Explicar	Ilustrar	Contrastar	Coordenar	Escolher
Inscrever	Expressar	Interpretar	Criticar	Criar	Estimar
Marcar	Identificar	Inventariar	Debater	Dirigir	Julgar
Recordar	Localizar	Manipular	Diferenciar	Reunir	Ordenar
Registrar	Narrar	Praticar	Distinguir	Formular	Preferir
Relatar	Reafirmar	Traçar	Examinar	Organizar	Selecionar
Repetir	Traduzir	Usar	Provar	Planejar	Taxar
Sublinhar	Transcrever		Investigar	Prestar	Validar
Nomear			Experimentar	Propor	Valorizar
				Esquematar	

Fonte: Adaptado do autor (1956).

Os verbos em sua predominância utilizados como objetivo estão enquadrados na categoria Compreensão 27 trabalhos, na categoria Análise, 29 trabalhos. Enquadrados nas categorias Síntese, estão 12 trabalhos e na categoria conhecimento, 11, de um total de 36 trabalhos. Na categoria Avaliação, foram encontrados 2 trabalhos, apenas. é rara nos trabalhos analisados. Não foram encontrados trabalhos cujos objetivos estivessem atrelados à categoria Aplicação, conforme quadro 3.

Quadro 3 – Verbos utilizados como objetivos nas produções analisadas, organizados de acordo com a taxonomia de Bloom.

Conhecimento	Compreensão	Aplicação	Análise	Síntese	Avaliação
Conhecer	Identificar		Investigar	Criar	Avaliar
Marcar	Traduzir		Analisar	Propor	Selecionar
Apontar	Compreender			Constituir	

Registrar	Descrever			Formular	
Definir	Explicar			Compor	
	Esclarecer			Articular	

Fonte: Elaboração do autor.

Quanto aos métodos de pesquisa

Os métodos encontrados foram: Etnografia, Materialismo Histórico-dialético, Hermenêutica e Método Dialógico problematizador. Os tipos de pesquisa encontradas foram: documental, bibliográfica, estudo de caso, pesquisa-ação, observação ou pesquisa participante. E, os procedimentos de coleta de dados foram: entrevistas, pesquisa de campo, questionário, relatos orais de memória, diários de campo, conforme se vê no quadro 4.

Quadro 4 – Métodos, tipos de pesquisa e procedimentos de coletas de dados encontrados nas teses e dissertações analisadas.

Métodos	Tipos de Pesquisa	Procedimentos de coleta de dados
Etnografia	Documental	Entrevista
Materialismo Histórico-dialético	Bibliográfica	Pesquisa de campo
Hermenêutica	Pesquisa-ação	Grupo focal
Método dialógico problematizador	Observação participante	Questionário
	Estudo de caso	Relatos orais
		Diário de campo

Fonte: Elaboração do autor.

Dentre os instrumentos de coleta de dados, o mais comumente utilizado foi a entrevista (semiestruturada, individual, coletiva, roteiro temático, narrativa), que esteve presente em 22 trabalhos analisados.

O termo entrevista é construído a partir de duas palavras, entre e vista. Vista refere-se ao ato de ver, ter preocupação com algo. Entre indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas. Portanto, o termo entrevista refere-se ao ato de perceber realizado entre duas pessoas. (RICHARDSON,1999, p.207).

Houve diversas citações de Freire nos trabalhos analisados, um autor que preza muito pelo diálogo, o que, nesse sentido, pode justificar a quantidade de entrevistas realizadas nos trabalhos, como se vê:

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (FREIRE, 1987, p.42).

O diálogo, portanto, deve ser assumido, também, como prática metodológica, como possibilidade de permitir a convivência e esta, por sua vez, ampliar as possibilidades de ocorrência do diálogo. O ser professor, nessa perspectiva, é atravessado por esta prática, que deve estar provida de amorosidade, respeito, ética.

Assim, passamos, na próxima sessão, ao estudo do perfil identitário, das funções e dos valores do ser professor na perspectiva da Educação Popular.

Quanto ao perfil identitário, as funções e os valores do ser professor na perspectiva da Educação Popular

A partir das pesquisas analisadas, quando se fala sobre educador/professor, nas teses e dissertações educador/professor está ligado ao que mostra o quadro 5.

Quadro 5 – O perfil identitário, as funções e os valores do ser professor na perspectiva da Educação Popular.

Perfil identitário do ser professor na perspectiva da Educação Popular	Funções do educador/professor na perspectiva da Educação Popular	Valores que permeiam a identidade e as funções do ser professor
Rigorosidade metódica	Mediar o processo de construção do conhecimento	Autonomia
Acolhimento incondicional	“problematizador/a” da realidade social se comprometendo com a mesma	Emancipação

Aprendizagem no ato de ensinar	Valorizar práticas culturais e práticas que estimulam aspectos para a inclusão social	Libertação
Tem a capacidade de despertar a autonomia e a capacidade crítico-reflexiva	Mobilizador da luta pela garantia dos direitos de todos e todas	Transformação
Valorização da linguagem	Ser autocrítico	Diálogo e dialogicidade
Relação fraterna frente ao ensino	Valorizar o conhecimento prévio do outro	Humildade para ouvir, ver e perceber.
Prática coerente com a opção política	Serem solidários(as)	Ética
Compreender a práxis		
Possuem experiências coletivas e particulares		
São sujeitos de relação		
Buscam ir além do domínio conteudista		

Fonte: Elaboração do autor.

Paulo Freire é citado diversas vezes nas dissertações e teses que apontam o *quefazer* do professor ligado com o que foi citado acima, acerca de um trabalho para emancipação, por exemplo, em um movimento contrário a educação bancária, que aliena e oprime o sujeito. No entanto, o mesmo autor não ignora a existência de educadores que pautam sua educação a partir de comportamentos “bancários” que segregam, enclausuram, reprimem os educandos.

Os parágrafos abaixo ilustram sobre a compreensão acerca do que vem a ser o educador/professor:

se a educação é constituída e constituinte da consciência crítica, ética e humanista, logo, o educador deverá ser muitíssimo mais que um professor. Será “um intelectual fronteiriço, ativista social, pesquisador crítico, ser ético, filósofo radical e revolucionário político e cultural (STRECK, 2008, p. 24).” (4)¹

O educador não está restringido ao “ser professor”, está para além dessa característica, é ético, está presente e faz parte da realidade que o cerca, agindo de forma crítica frente ao que acontece, portanto, não é neutro.

¹ Esta numeração se refere à pesquisa (tese ou dissertação) colocada no quadro geral organizado pelo autor deste relatório, de onde o excerto textual foi extraído para composição das análises aqui empreendidas.

Na proposta de formação de educadores apoiada pelo PRONERA, compreende que o fundamental, na competência desses professores, não é apenas o domínio dos conteúdos, mas, sobretudo a habilidade metodológica de reconstrução permanente, de tal modo que, essa formação, [...] deve incorporar antes de tudo, um educador com visão crítica, com capacidade de socializar com os alunos (as) a compreensão da relação existente entre fatos passados, momentos presentes e suas implicações socioculturais, para que esses alunos (as) possam, no mínimo, ter elementos para atuar de forma consciente na sociedade. (GUERREIRO; SILVA, 2009, p. 166) (5)

Corroborando com o que é apresentado na citação anterior, há o olhar sobre a definição de professor/educador que está atrelado à superação conteudista, compreendendo assim a reconstrução permanente, contrária a visão de que a formação do educador está ligada a uma posição estanque, mas sim, que esse transforma. Esse educador está ligado a um sujeito que compreende o ser sócio-histórico, apontando, por conseguinte, que os alunos “possam no mínimo, ter elementos para atuar de forma consciente na sociedade”.

Para que a educação fosse neutra era preciso que não houvesse discordância nenhuma entre as pessoas com relação aos modos de vida individual e social, com relação ao estilo político a ser posto em prática, aos valores a ser encarnados. Era preciso que não houvesse, em nosso caso, por exemplo, nenhuma divergência em face da fome e da miséria no Brasil e no mundo; era necessário que toda a população nacional aceitasse mesmo, que elas, miséria e fome, aqui e fora daqui, são uma fatalidade do fim do século. (FREIRE, 2015, p. 108)” (6)

A posição de Freire está posta em um formato contrário a educação neutra, que não é crítica em sua realidade que o cerca. Ou seja, uma educação neutra está atrelada a uma visão totalitária por todos, concordância sem precedentes, isenta de reflexão crítica.

O educador se constitui como pesquisador a partir do momento que tem um pensamento crítico, reflexivo e investigativo no processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, o educador é crítico frente ao seu *quefazer*, ao que aprende, ao que ensina, não apenas repercutir sem refletir, investigar, criticar o que lhe é ensinado, uma postura contrária ao uso de “cabrestos” em si. Logo, “Não há docência sem discência”, (FREIRE, 1996, p.21)

Não há como ensinar sem aprender. Não é apenas depositando que se aprende, é necessário ouvir, é necessário aprender para ensinar, o ato de ensinar está unido a aprendizagem. “Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz numa relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia”. (FREIRE, 1992)

Freire postula a base de “amor, na humildade, na fé nos homens” para que haja diálogo, e esse proporciona uma relação horizontal, destacando aqui a importância de uma escuta que respeita, que valoriza a fala do outro.

O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que ao ser educado, também educa.” (FREIRE, 1987, p. 68).

“O pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação. Por isso o pensar daquele não pode ser um pensar para estes nem a estes imposto.” (FREIRE, 2003b, p. 64).”

A primeira citação se aproxima ao “Não há docência sem discência”, isto é para que eduque é necessário que este esteja também sendo educado em um movimento unificado entre essas duas instâncias de ensino-aprendizagem. Já a segunda citação, preza a intercomunicação, não é pensar **para** educando, mas **com** o educando.

“Nós, como educadoras e educadores, devemos garantir que as crianças se expressem nas suas diversas linguagens, nos seus desejos, nas suas artes, nos seus modos de ser e conhecer o mundo brincando.” (FREITAS, 2015, p. 206).

Nessa fala o autor da dissertação “EDUCAÇÃO INFANTIL POPULAR: POSSIBILIDADES A PARTIR DA CIRANDA INFANTIL DO MST” destaca a importância de se compreender, respeitar o mundo e a linguagem das crianças a partir do brincar.

Destarte, destacamos a compreensão de Gohn (2006) ao enfatizar os três tipos de “educação/educações”, notemos: a educação formal, a educação informal e a educação nãoformal. A educação formal é concebida nas escolas “com conteúdos previamente demarcados”, enquanto, a educação informal perpassa ambientes comuns, ou seja, família, igreja, entre amigos e etc., logo, esta acentua-se durante o processo de socialização dos sujeitos; por fim, a educação não-formal; este tipo de educação é a que “se aprende no ‘mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços de ações coletivas cotidianas”. (GOHN, 2006, p. 1)

Ao retratar os tipos de agentes socializadores da educação, a autora salienta que na educação formal são os professores; na informal, “os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa, etc.”, enquanto, na educação não-formal, o educador é o outro, ou seja, são os indivíduos com os quais interagimos. (GOHN, 2006, p. 1)

Gohn faz distinção entre três tipos de educação, cada uma com suas características particulares (Educação formal, Educação informal e Educação não-formal). A primeira caracterizada pelo ensino conteudista previamente demarcado (acontece a partir da relação com os professores), a segunda perpassando ambientes comuns (família, igreja paroquial, meios de

comunicação) e a última que se dá a partir da prática no “mundo da vida” (aprendizagem a partir do outro sujeito que interage). Essa distinção se torna relevante para compreendermos as diferentes modalidades de ensino e que não está restringida tão e somente ao ambiente escolar “formal” ou mesmo universitário.

Petuco (2010, p. 21) se utiliza da Educação Popular para pensar articulações possíveis entre educação e Redução de Danos. Para ele:

Todos/as trabalhadores/as de saúde operam, de algum modo, educação em saúde, sendo que talvez (e apenas talvez) possamos excetuar os/as profissionais que atendem nas emergências. Guardada esta possível exceção, insiste-se: **todo/a trabalhador/a de saúde é também educador/a.** (28)

Petuco traz a definição que um trabalhador da saúde também é um educador pois “opera de algum modo, educação em saúde”. É um sujeito que ensina e aprende sobre a educação em saúde para a população.

Em síntese de todo conteúdo visto nas dissertações e teses analisadas, é possível perceber que a concepção de educador/professor pode ser interpretada de forma histórica, isso é, tempos atrás havia o professor paroquial no qual o seu dever tinha um caráter sagrado e que esse deu espaço a uma outra concepção de educador/professor que é aquele que é crítico frente a sua realidade social, está de acordo com a *práxis* e compreende a importância dessa no seu *quefazer* diário.

Esse ensina e é ensinado, ouve, indaga, compreende, se coloca no lugar do educando, não trabalha com achismos, há sim a rigorosidade metódica que auxilia no despertar da capacidade crítico-reflexiva, o que é erroneamente interpretada e pode reverberar a opressão, no sentido de rigorosidade enquanto rigidez, ser rigoroso metodicamente não é ser rígido e fechado.

O educador é aquele que tem o diálogo, que inclui, que preza por esse na sua prática, pois, é com ele que se pode trabalhar os temas geradores, por exemplo, é com ele que não se manda mas simbioticamente se transforma, de forma que media a construção do conhecimento e não o coloca, mas trabalha em união.

Esse educador de que falam as teses e dissertações é coerente frente sua opção política que está alinhada com a sua prática, é autocrítico, ou seja, é crítico e se encontra em prol das lutas pela garantia de direitos. Em relação a simbiose, o ato de estar junto e a aprendizagem ocorrer em conjunto em um local de que não é “para elus” mas com “elus” auxilia em uma visão

ampla que valoriza a cultura do outro, a linguagem, a liberdade de expressão, o conhecimento prévio e o mundo do outro e como parte disso o diálogo como auxílio no ir além das características conteudistas.

Há importância do acolhimento das demandas, o ver, o perceber a demanda do outro com amor, recepção na qual auxilia no processo de ensino-aprendizagem, essa, que, muitas vezes categorizada como pano de fundo da educação bancária que Freire (1987) não ignora, mas concebe e fala sobre o educador bancário que não se encontra excluído, afinal ele que teorizado, encontra-se presente em todos os cantos, regurgita o controle, em conversação com Foucault está dentro do panóptico.

O Panóptico de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. (FOUCAULT,1987, p.223-224).

O conceber do panóptico de Foucault fala sobre observar o outro constantemente com fins de controlar o mesmo, quando Foucault traz que o observado cativado na cela pode ser “um escolar”, se aproxima da visão de Freire quanto ao educador bancário, que controla o educando, que não permite a liberdade, a autonomia do mesmo.

Acaso devemos nos admirar que a prisão celular, com suas cronologias marcadas, seu trabalho obrigatório, suas instâncias de vigilância e de notação, com seus mestres de normalidade, que retomam e multiplicam as funções do juiz, se tenha tornado o instrumento moderno da penalidade? Devemos ainda nos admirar que a prisão se pareça com as fábricas, com as escolas, com os quartéis, com os hospitais, e todos se pareçam com as prisões? (FOUCAULT,1987, p.250).

Por último, mais uma vez, Foucault fala também sobre as escolas e a aparência das mesmas como uma prisão, que, de modo verossímil, não é um local que preserva a liberdade, e sim que “multiplica as funções do juiz” como um local de julgamento e penalidade. É dentro dessa

lógica que o educador bancário arquetipicamente se encontra, sendo um educador “fechado” que não permite o diálogo, não está aberto a conversação com o educando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando-se a expressão em seu sentido amplo, Educador/a é Popular, é aquele/a cuja ação educacional se dirige às camadas sociais, que tem por fim a realização de uma educação para a humanização. Já no seu sentido estrito, o/a Educador/a Popular tem uma origem, um local de nascimento, uma trajetória própria, em suma, uma história que lhe confere uma identidade singular que o distingue dos/as demais educadores/as, uma vez que adota uma concepção de educação enraizada na Educação Popular, a partir do olhar, da perspectiva e do viés dos/as oprimidos/as. Todavia, historicamente, a expressão sempre carregou uma forte conotação antiestatal e contrária ao sistema regular de ensino.

Sobre o perfil, identidade e o papel do professor na perspectiva da Educação Popular pude constatar que o educador além de professor não se restringe somente ao ensino. Vai além: ele dá importância ao cuidado com o outro; à leitura crítica da realidade que cerca o educador é essencial para seja um profissional da área. Nesse sentido, abre-se à importância do posicionamento do educador frente a realidade política. A importância do diálogo foi algo muito notório nos trabalhos selecionados, e esse é útil para não oprimir a fala do outro, garantindo a liberdade de expressão

Assim, o olhar que se sugere a partir do viés dos oprimidos compõe, dessa forma, o cuidado com públicos que constantemente sofrem cerceamentos, controles e que recorrentemente manifestam problemas em aspectos corporais, psíquicos, relacionais ou em outras esferas, o que suscita a libertação, a defesa da justiça social, da solidade e da amorosidade que educam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1979.

BLOOM, B. S. et al. **Taxonomy of educational objectives**. New York: David Mckay, v.1, 1956.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jul. 1990.

FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 9-21.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 45 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. 18.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal na pedagogia social. Disponível em: <
http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000092006000100034&script=sci_arttext>. Acesso em: 28 de Julho de 2020.

GUERREIRO, Cristiane Armede; SILVA, Josefa Rita da. Educar no Campo: O programa Brasil Alfabetizado desenvolvido pela FETAG-Bahia. In: LUNAS, Alessandra da Costa e ROCHA, Eliene Novais (orgs.). **Práticas pedagógicas e formação de educadores(as) do campo**: Caderno Pedagógico da Educação do Campo. Brasília, DF: Dupligráfica, 2009.

MOROSINI, Marília Costa. Estado de Conhecimento e questões do campo científico. **Educação**. Santa Maria, v. 40, n. 1, p. 101-116, jan./abr. 2015.

OLIVEIRA, W. F. **Educação social de rua**: As bases políticas e pedagógicas para uma educação popular. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROMÃO, J. E. **Dialética da diferença**: o projeto da escola cidadã contra ao projeto pedagógico neoliberal. São Paulo: Cortez, 2000.

ROMÃO, J. E.; GADOTTI, M. **Educação de adultos**: cenários, perspectivas e formação do educador. Brasília: Liber Livro, 2007.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte”. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set. 2006.

PETUCO, Dênis Roberto da Silva. Educação Popular em Saúde e o cuidado de pessoas que usam álcool e outras drogas. In: MORAES, Maristela; CASTRO, Ricardo; PETUCO, Denis Roberto da Silva. (Org.). **Gênero e drogas**: contribuições para uma atenção integral à saúde. Recife: Instituto Papai, 2010. p. 21-27.

STRECK, D. R. (coord.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

AGRADECIMENTO

Agradecemos ao CNPq pela bolsa que subsidiou o plano de trabalho que deu origem a este relatório de pesquisa.